

# A BATALHA

Suplemento semanal — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Editor: Alberto Dias

Administrador: Domingos Afonso Ribeiro

Propriedade da COMIS-SÃO INTER-FEDERAL

Sede provisória:

Calçada Castelo Branco Saraiva, 42

Officinas: Rua da Atalaia, 114

Toda a correspondência para o APARTADO

N.º 329 — Lisboa

Número avulso \$30

(AVENÇADO)

## HARMONIA NA ACTIVIDADE DO MOVIMENTO OPERÁRIO

Nenhum agrupamento humano—de base profissional, de afinidade ou de localidade—pode desenvolver actividade conveniente, se não tem bem definidos os seus objectivos, bem demarcados os caminhos por onde deve seguir. E compreende-se que assim seja. Os indivíduos—sobretudo quando agrupados—carecem de saber o que desejam para saberem que circunstâncias preferir, que actividade desenvolver. Como poderiam caminhar, se não tivessem um ponto de apoio, para onde desejam avançar?

Ora sucede que nem sempre—desgraçadamente na maioria dos casos—as organizações operárias tiveram bem demarcados os caminhos por onde pretendiam avançar para os seus objectivos, igualmente mal definidos. Uma vez porque essas organizações careciam duma força orientadora, que se cimentasse num desejo, determinado por uma consciência ideológica; outras porque essa força orientadora nem sequer existia e outras ainda, porque se actuava de maneira a desviar da rota indicada.

Em qualquer dos casos—e isso é inegável—essas organizações operárias estavam entregues ao acaso, actuando os seus militantes, sem uma nítida compreensão das realidades que surgiam, o que se devia, como afirmámos, à falta de objectivos bem definidos.

Em face desta verificação, que fazer?

\*\*\*

A organização operária em Portugal, definiu-se como movimento forte quando nos seus congressos a sua posição no meio social, ficou bem vinculada. Era mesmo, essa posição, algo importante, como factor de consciência revolucionária, porque indicava ao movimento operário uma directriz, que a seguir-se, levaria à emancipação dos trabalhadores. Entregava estes a uma actividade salutar, abrindo campo a experiências múltiplas, que, a praticar-se, forneceriam curiosos elementos de avaliação para atingir a noção do modo de organizar uma sociedade, fora da pressão estatal e do domínio das forças reaccionárias, conservadoras ou revolucionárias de moderna feição (os modelos destas últimas temo-las na Itália e na Rússia). Ainda, a seguir-se a directriz indicada, os trabalhadores poderiam mais tarde—e este mais tarde já poderia ter chegado—dar ao seu movimento uma directriz mais

defendida e em maior correspondência com as várias fases da evolução social.

Mas assim não sucede.

A organização operária não teve no seu seio células que compreendessem essas directrizes, não determinando por elas, como é intuitivo, a sua acção. Daí o seu afastamento do caminho indicado e certas desvirtuações. Verificou-se, a dada altura, que nem sempre, a actividade por melhorias imediatas—para satisfação de desejos surgidos das necessidades de momento, mas devendo olhar ao futuro e ao objectivo nêle fixado conduzir—era a conveniente e a indicada. Ape-lava-se, por um lado, para certas medidas que, de antemão, estavam condenadas ao fracasso e, por outro, a medidas que poderiam convir no momento, mas que se tornavam prejudiciais passado êle, chegando, mesmo a fornecer mais um esteio ao capitalismo.

Ora é isto que é preciso evitar. E é preciso evitá-lo não só por atender ao objectivo máximo, mas, também, porque a organização operária precisa ter, nas partes que a compõem, disseminada a ideologia que a define, para boa compreensão da luta e dos meios a preferir. Isto é: deve integrar-se nos objectivos do movimento operário, visto no seu conjunto, as suas células. E para tal conseguir é preciso que a sua actividade se não cinja às melhorias de ordem imediata, no campo económico. Deve ir mais longe. Porém, quando mais não seja possível, que ao menos essas melhorias, tenham a preocupação de solucionar no momento, não fornecendo elementos de apoio ao capitalismo, antes procurando enfraquecê-lo progressivamente.

E' esta actividade que é necessária; é neste sentido que deverão orientar-se os militantes operários.

### DA ALEMANHA

#### Aumenta o número de desempregados

No ministério do trabalho foi facilitada uma estatística, que informa ter-se elevado o número dos sem trabalho em 15 do corrente, para 3.184.000, dos quais 98.000 recebem subsídio do governo.

Relativamente à última quinzena, nota-se um aumento de 46.000 operários sem trabalho.

E' curioso reparar no diminuto número de desempregados que recebem subsídio. Isto comparando esse número com o dos sem trabalho.

## SERVIÇO DA A. I. T.

### Ação pró-Francisco Ghezzi

A F. A. U. D. propôs à A. I. T. que fizesse uma *démarche* junto do governo russo, afim de obter os debates dum processo na questão Ghezzi com a intervenção dum advogado estrangeiro não bolchevista.

Foi indicado para esta tarefa o advogado socialista, Teodoro Liebknecht, muito conhecido internacionalmente, que declarou aceitar.

A A. I. T. já dirigiu uma carta registada neste sentido à legação russa em Berlim, mas não obteve resposta, e é provável que o mesmo suceda, quando se dirigir directamente ao governo russo.

### Fundo de socorro aos sindicalistas, anarcosindicalistas e anarquistas na Rússia

Os camaradas do Fundo de Socorro aos revolucionários perseguidos na Rússia pediram ao Secretariado da A. I. T., que empreendessem uma acção particular em benefício daquele organismo de solidariedade, porque a miséria é cada vez maior entre os presos e os recursos cada vez mais restritos.

A A. I. T. tomou em consideração este pedido, e vai exercer essa acção junto de todos os organismos seus aderentes.

### Congresso adiado

Em virtude duma carta enviada pela C. N. T., informando que, apesar de autorização concedida pelo governo, as perseguições actualmente exercidas sobre os militantes operários, não eram de molde a fazer esperar que fosse realizado o Congresso Internacional da A. I. T., sem que as autoridades intervissem, proibindo-o, ou empregando meios para impedir o seu funcionamento. Resolveu-se adiar este Congresso para a Páscoa de 1931.

## Adolfo Ferrière

### Este conhecido pedagogo vem a Lisboa

A bordo do paquete «Astúrias» deve chegar no dia 4 do corrente a Lisboa, o insigne pedagogo dr. Adolfo Ferrière, cuja actividade em propaganda da Educação Nova se tem afirmado em todo o mundo e cuja bibliografia pedagógica é das mais vastas que se conhecem. A vinda de Ferrière a Portugal representa um acontecimento notável, que deve agradar extraordinariamente aos poucos visionários da Educação que existem em Portugal e concorrer extraordinariamente para a divulgação dos princípios e práticas da pedagogia científica entre nós. O insigne educador tenciona realizar algumas conferências acerca dos seus ideais educativos e tráz consigo um film interessantíssimo de 4.000 metros de extensão, que será exibido após as suas palestras.

Nós, embora isto cause estranheza, não concordamos em absoluto com todos os preceitos da Educação Nova. Em todo o caso, reconhecemos que, entre nós, esse ideal pode desempenhar ainda um utilíssimo papel em benefício da criança e, por conseguinte, das gerações vindouras, se as experiências ou as iniciativas que, em tal sentido, se efectuarem, forem orientadas por sinceros idealistas da educação.

Lêr e propagar «A Batalha» é o dever de todos os trabalhadores.

## PARADOXOS

### Do teatro e da crítica

Só o sr. António Ferro, esse jornalista sensacional, doublé de caixeiro viajante do incomparável Diário de Notícias, poderia lembrar-se de organizar em Portugal um congresso internacional de crítica. Num país onde culturalmente nada existe, onde nem sequer há uma mentalidade formada, um estado de maior ou menor consciência colectiva; onde os intelectuais estão divididos, separados uns dos outros por despeito ou interesses; onde não existe crítica organizada, nem tampouco crítica ou críticos,—só o sr. António Ferro, repetimos, poderia tomar a iniciativa de uma reunião internacional de crítica. Esta verdade, que a todo o passo se encontra, vimos nós de confirmar, há dias, com a representação de mais um original do advogado dr. Ramada Curto. O aparecimento da obra, como de todos os originais e discursos do ilustre causidico, foi esperado com interesse. E a representação efectou-se entre os «Ahs!» do «respeitável público», o sorriso gaiato da bolsa do sr. doutor e os encomios da crítica. Ao outro dia os jornais, em justo re-lêvo, inseriram a boa prosa desses magníficos críticos. Alguns acharam que só o «Fundo» seria lugar próprio para albergar a apreciação notável d'hoi'avel obra, e não hesitaram—«Fundo». E foi uma chuva de adjectivos pomposos, de vocabulários laudatórios. A crítica foi panegírica.

Nós, plebeus pobresitos, não fomos d'«primeira». Mas, espicçados pela procedência da mercadoria e de opiniões tão ilustres, não deixámos de tr'vêr, vêr e ouvir, de olhos bem abertos e de ouvidos bem atentos, levando connosco o propósito modestíssimo de julgarmos da obra e, dado o rumor simpático dos jornais, aviliarmos dos homens que hão-de representar a crítica nacional no congresso que o sr. António Ferro, com tanto desinteresse e bondade e sem incumbência de ninguém, pensa apadrinhar. Fomos; e saímos desolados. Mais uma vez confirmámos, como dizemos acima, que não existem críticos em Portugal. Existem, sim, elos da mesma corrente de interesses, maiores ou menores, que nos estrangula a todos. Não existem críticos nem dramaturgos. Em teatro, entre nós, existem três ou quatro companhias com um só bom actor ou uma só boa actriz, um advogado, quatro ou cinco indivíduos que se dedicam e governam explorando o público a fazer graça «chula», e meia dúzia de senhores, amigos de todos estes, que vão vivendo das tarachas amáveis que dêles escrevem, e de tudo, na honorabilíssima imprensa burguesa. Não saímos do teatro indignados porque já não temos indignação para estes senhores indignos. Mas saímos com uma convicção:—a de termos assistido a um género novo de teatro, talvez desconhecido lá fóra. O sr. dr. Ramada Curto fez uma revista declamada, quer dizer com muito pouca música e só um número de canto. A diferença que tem esta revista das outras é, a par de ser quasi toda declamada, estar dividida em actos em vez de quadros. Tem menos pornografia, menos nú e menos riqueza na montagem. Quanto ao resto, nem mesmo lhe faltou o esplendor do pederasta. O «compêre» foi magnificamente desempenhado por Chabi Pinheiro, que emprestou à obra todo o merecimento que ela não possui. A música não é original. Mas onde há aí música original depois que se reconheceu que a Espanha está tão perto, aqui a dois passos, e que tem boa música nas suas «zarzuelas»? Música original só a do fado, e essa é-o porque os espanhóis ainda se não lembraram de o cantar.

E esta parte da obra, o seu lado verda-

(Continúa na 2.ª página)



# NA NOVA RÚSSIA NA ESPANHA

## Revivescência do sentimento nacionalista. Orgulho pelo país e isolamento da Europa.

Do grande diário operário de Londres Daily Herald traduzimos o seguinte artigo, no qual um seu colaborador, que recentemente visitou a nova Rússia, joca as impressões gerais que ali colheu, destacando um dos fenómenos mais curiosos que se observa no país bolchevista: o orgulho pelo país e o isolamento do resto da Europa.

Segue o artigo:

Uma das mais chocantes impressões sobre a moderna Rússia, que eu recebi na minha última visita àquele país, foi-me dada pela revivescência, por mim verificada, do nacionalismo.

Digo revivescência, mas deveria com mais propriedade, dizer nascimento, porque o nacionalismo no preciso significado desta palavra, nunca a Rússia tinha conhecido.

Sob o czar nunca o povo atingiu o estágio em que mesmo as mais primitivas ideias do nacionalismo podessem evoluir.

As classes superiores eram ou nebulosamente cosmopolitas ou chovinistas até à medula; jamais nelas germinou um amor natural pelo seu país.

O nacionalismo na Rússia foi sempre despresado como idêntico à pior espécie de reacção política e ao ódio contra todas as populações oprimidas, isto é os «Inorodzy» ou «desigualmente nascidos», os estrangeiros, entre os quais os polacos, ucranianos, hebreus e arménios.

O nacionalismo é o índice dum carácter, que se traduz em primeiro lugar pelo sentimento de orgulho pelo próprio país. Pode-se com razão asseverar, julgo eu, que somente depois da revolução os russos começaram a sentir este orgulho e a identificar-se com o seu país.

Quando da última vez estive em Moscovo, parei, muitas vezes, em frente duma livraria, em cuja montra estava afixado um cartaz que representava um mancebo e uma jovem de mãos dadas e com um sorriso de felicidade estampado na face. O fundo do quadro mostrava o campo e algumas fábricas fumegantes; sob esta scena, a seguinte legenda iludida: «O nosso país». Podia tão facilmente ler-se isto nas expressões dos jovens, que a legenda se me afigurava quasi superflua.

Nos velhos tempos, os russos resignavam-se a morrer pelo seu país; hoje, pela primeira vez, parece que gosam a inefável ventura de viverem para o seu país.

Aquele amor despertado pela Rússia e a nascente alegria pela vida são as características mais salientes do país dos soviets. Já mais houve na Rússia tão forte desejo de viajar; os jovens russos descobriram a verdadeira situação geográfica do seu país. Movem-se sobre ele por meio do caminho de ferro, dos vapores e das estradas. Abundam as agências de transportes e de turismo, que organizam excursões, e milhares e milhares de indivíduos utilizam estas facilidades; mas muito mais ainda se encontram que vagueiam sem condutores.

A esta descoberta de um país e ao concomitante sentimento de integração nêle, devemos juntar um isolamento de quinze anos do resto do mundo, para bem compreendermos o verdadeiro significado do novo nacionalismo russo. O resultado fundamental do isolamento, como facilmente se compreende, é o crescimento de toda uma geração alheia de qualquer espécie de contacto intelectual com a Europa Ocidental. Isto tinha que produzir fatalmente um estreito e provinciano ponto de vista. Deve, porém, reco-

nhecer-se que o que foi imposto à Rússia foinos montes Urais ou de nitrato junto de Murmansk, é solenizada como festa nacional.

Todavia, o melhor barómetro do estado de espírito dos dirigentes do povo russo é a leitura da imprensa diária russa. Os jornais bolchevistas são de facto a única instituição. A sua missão, diferente da de toda a outra imprensa, não é fornecer informações, nem instruir. Ela visa antes a tornar conhecidas as «ordens do dia» na batalha económica.

Os artigos dos jornais visam, quasi todos sem excepção, ou a inspirar fé ao operariado, ou a estimular a sua devoção pelo Estado. O menor insucesso num sector do front torna-se motivo para censura e alarme.

E' digno de nota o facto de, graças a esta obseção pelo front interno (económico), o noticiário estrangeiro ser quasi totalmente posto de parte pelos jornais.

Como leitor durante dois meses da imprensa russa, queixo-me menos da apresentação tendenciosa das notícias do estrangeiro, do que da pouca ou nenhuma importância que ligam àquele noticiário considerado bagatela, e da sua exclusão nos jornais.

Os bolchevistas são considerados, e eles próprios fanfarronam disto, como missionários do Internacionalismo, mas, olhados de perto, eles mostram-se—nos um pouco isolados. Interessam-se pelo mundo exterior, amigo ou inimigo—é esta a minha impressão—apenas naquilo que se relaciona com a Rússia. De facto, se nós analisássemos detalhadamente os objectivos e os métodos da propaganda bolchevista na Europa Ocidental, não seria talvez difícil verificar que eles visam menos à deflagração do cataclismo da Revolução Mundial do que à imunização da Rússia.

Pois bem, se se reconhecesse que a Rússia e a Revolução russa se debatem hoje na teia nacionalista, muitos admiradores do bolchevismo (e também muitos adversários daquele sistema) facilmente abandonariam a crença absurda de que aquilo que ali sucede deve ser transplorado para o resto do mundo. Se eles pudessem simplesmente desembaraçar-se daquela obseção e julgar a Rússia, apenas segundo as normas russas, eles adquiririam uma melhor perspectiva para encararem o país e para apresentarem um quadro mais preciso da sua vida intelectual.

Estou sinceramente convencido de que a única preocupação dos russos é a reconstrução económica do país e a sua elevação ao mais alto nível cultural. Cada nova «victória no front económico»—os bolchevistas gostam de usar metáforas militares—a construção duma nova fábrica, a abertura duma estação eléctrica, a descoberta do petróleo

## Paradoxos

(Continuação da 1.ª página)

deiramente original, não assinalou a crítica.

\* \* \*

Uma obra teatral, depois de Ibsen e já antes de Pirandello ou Benard Shaw, tem, indispensavelmente, de possuir características especiais, originais e inconjuntáveis, que a tornem ela própria, única, e não outra. E, contemporaneamente, o género superior de teatro, o género declamado, gravado, pode dizer-se, entre duas tendências fundamentais.

Uma, a que ainda hoje teima em apresentar-nos o velho género cheio de «truques», de cordelinhos, de falsidades e de incongruências, sem alma, sem vida, sem emoção, destituída de poesia, agitando um sem número de personagens indefinidas, ou de caracteres semelhantes, e verdadeiramente dispensáveis à condução da ideia motriz da peça, se é que peças desta ordem podem ter dentro, alguma ideia; outra, a que está elevando o teatro ao nível que hoje, depois que o cinema atingiu a maioridade, lhe pertence, é puramente ao invés da primeira

desde a técnica à acção. Caracteriza-se fundamentalmente em duas coisas: agitar um problema ou uma ideia nova dentro duma técnica segura e agir com o menor número de personagens, todas em caracteres, temperamentos e alma diferentes e todos igualmente indispensáveis para o concerto da ideias.

A primeira mostra-nos os autores medíocres; a segunda revela-nos os de talento ou de génio.

\* \* \*

A última peça do dr. Ramada Curto deixa-nos o direito de continuarmos esperando a sua primeira obra. Como técnica é mediocre; como ideia é inverosímil. Quanto à sua parte de moral, tivemos a sugestão de assistirmos a uma prelecção de socialismo dada pelo sr. dr. Ramada Curto à Maria, aquela criada a quem em tempos perguntava se era verdade ter talento, como por aí dizem.

João Bravo

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

### Um comício em León

Realizou um comício de Propaganda em León a C. N. T., tendo os seus princípios e táticas sido aclamados por milhares de trabalhadores.

Falaram F. Monroy, Angelo Pestana, Segundo Blanco e J. Villaverde, que combateram a praga do clericalismo e afirmaram a ansia de liberdade e de justiça, que late no coração do povo espanhol.

### O «lock-out» de Santand

Há tempos os fogueiros dos vapores pesqueiros de Santander declararam a greve, pedindo a jornada de oito horas. Os armadores, então, transigiram, mas agora que já terminaram a campanha, conseguindo fartos lucros, amarraram os vapores, declarando o «lock-out», em virtude de não concordarem com o novo horário de trabalho, apesar de lhe terem dado primeiro o seu acordo.

Embora se trate duma provocação aos trabalhadores, o governo não interveio, ao contrário do que sucede, quando se trata de qualquer greve.

### Adiamento da Conferência Nacional

A Conferência Nacional de C. N. T. estava para se realizar de 15 a 18 do corrente. As delegações estavam prontas a partir para Madrid, mas, em virtude do boato de acontecimentos revolucionários, a Direcção Geral de Segurança prendeu vários camaradas, entre eles, alguns membros do Comité Nacional, e a Conferência teve de ser adiada.

### «Solidaridad Obrera»

Por resolução do Pleno Regional da Gáliza, vai desaparecer o *Despertad* de Vigo, passando a publicar-se na Corunha, Federico Tapia, 26, o jornal *Solidaridad Obrera* como órgão da Federação Regional Galega.

### Conferência de Mauro Bajatierra

Os trabalhadores de Bujalance (Andaluzia) tinham resolvido realizar um comício de propaganda, mas como a autoridade não lhe permitisse, convidaram o camarada Mauro Bajatierra, conhecido revolucionário e lutador activo, a fazer uma conferência, ao que ele acedeu, realizando-a no pátio do Centro Operário local, perante duas mil pessoas aproximadamente.

Enalteceu o orador a escola racionalista, exaltou a mulher como companheira e educadora dos filhos, preparando-os para enfrentarem as lutas contra o Capital e Estado.

O seu discurso foi uma amorosa sementeira de sentimentos humanos, predispondo os corações para a causa da Humanidade e da Paz Social.

### Novela Vermelha

Vai iniciar a sua publicação em Madrid, Palma 11, a «Novela Vermelha» com colaboração selecta, sendo o seu primeiro número a interessante novela original do fecundo escritor Edmundo González Blanco, intitulada «O senhor governador».

### «Tierra y Libertad»

Vai reaparecer em Madrid, S. Marcos, 3, este semanário, para a propaganda das tendências anarquistas.

### PELOS RURAIS

## Associações de Rurais que se reorganizam

Somos informados de que os rurais do Alto Alentejo se reorganizam com um certo entusiasmo. Em Borba, Fronteira, Vila Boim, Souzel, Aviz e Cano estão sendo reorganizadas as respectivas associações de classe, notando-se grande interesse dos trabalhadores do campo.

La sendo tempo de se pensar a valer nisso, porque não faz sentido que uma classe tão numerosa e tão necessitada de apoio, estivesse entregue, sem defesa, aos exploradores da terra e do braço humano que aquela faz produzir. Agora já poderão estudar convenientemente os problemas que lhes dizem respeito, procurando para eles as soluções mais próprias e mais ajustadas ao momento difícil que atravessam.

Que não descurem esses problemas e que não recuem, perante as maiores dificuldades, tais são as atitudes a esperar dessa classe tão útil e, em tempos, tão aguerrida



# O VALOR DAS IDEIAS

**O que não pôde ser realizado pela força das ideias, não o será pela força**

Os potentados do ouro e da política têm um sentimento de despeito pelas ideias. Simulam, pelo menos, não ter medo algum, o que lhes não impede de perseguir ferozmente os idealistas dum idealismo contrário aos seus interesses. Sem embargo é sobre as ideias que esses potentados têm edificado o seu mundo de classes, de opróbrio e de iniquidade. As suas ideias são moralmente inferiores, pelo egoísmo individual ou de camarilha, que revelam, pela injustiça que preparam, pela desigualdade que acarretam e pela insolidariedade que suscitam.

Nós desprezamos muito mais essas ideias do que eles desprezam e odeiam as nossas. A luta está travada em torno de ideias e interpretações, e a batalha que não tivesse por meio concepções espirituais, seria uma batalha de bonecos, sem finalidade e sem sentido.

Os partidários do materialismo histórico são os que mais têm feito, até aqui, por menosprezar no proletariado o valor das ideias. Segundo essa teoria não é o homem, mas o ambiente que pesa, não é a vontade, mas a evolução dos meios económicos o que importa. As ideias seriam um luxo supérfluo, o cultivo da personalidade humana um esforço vão. A maior qualidade seria a paciência, a resignação; os frutos maduros cairiam pelo seu próprio peso nas mãos dos trabalhadores, o capitalismo cairia na ruína pelo seu próprio determinismo interno.

Essa teoria pode afagar os pesados de espírito, os que confiam em milagres e mesias, não aqueles que sabem já haver passado a era dos milagres e dos salvadores, e que, sucessivamente, o que os povos querem deverão consegui-lo com o sua própria acção.

Temos sempre afirmado os valores do espírito em frente do materialismo e do determinismo históricos. Actualmente advertimos toda uma poderosa corrente na filosofia contemporânea que coincide comnosco nessa modalidade mental, nessa reivindicação do espírito e da vontade do homem. Haja nascido essa corrente por efeito da nossa posição ou independentemente, o certo é que vem sustentar os valores do pensamento como fundamentais, reclamando o respeito à dignidade e à liberdade do homem.

Se dispuzéssemos de tempo, demonstraríamos com base de citações e de resumos que houvessem feito as delícias dum Krapotkin, em que gran a filosofia e suas sciencias aliás, a pedagogia em primeiro lugar, se acham saturados de aspirações libertárias, só por haver partido da afirmação do indivíduo e da sua personalidade, contra o mundo nivelador e hostil.

O que não faça a força das ideias, propagadas de mil modos, com a pena, com a palavra, com as múltiplas manifestações do exemplo, não o fará a força. Não contaremos nunca com o armamento e a preparação técnica da burguesia para fazer frente a to-

das as eventualidades. Nem nos ocorre, sequer, o pensamento de vencer com essas armas, com os canhões poderosos com as unidades navais, com os gases asfixiantes e com os aviões de combate. Nesse terreno estamos e estaremos em evidente inferioridade. E não obstante isso temos declarado guerra sem quartel à burguesia e esgrimimos nessa guerra uma arma mais poderosa: a arma das ideias.

Os influenciados pelo materialismo histórico terão isso como um gesto de compaixão! Nós queremos opôr as nossas ideias à potência armada da burguesia! E não obstante, não há meio mais eficaz de destruição da injustiça que a ideia de justiça, não há meio mais poderoso contra a guerra que a sementeira de sentimentos e ideias de paz, de solidariedade e de concórdia. E assim sucessivamente. O que não logrem as ideias, dificilmente logrará a força no terreno revolucionário; sobretudo a força que não se tenha formado, já, como resultado das ideias.

É verdade, um dia seremos mais fortes que a burguesia e então o triunfo final estará ao alcance da mão: mas seremos mais fortes por efeito da penetração das nossas ideias no povo, que não só nos proporcionará novos camaradas, mas desmantelará as posições e baluartes do inimigo. Por grande que seja a potência da burguesia, ela não a maneja com as suas próprias mãos; necessita polícias, exércitos, operários que trabalhem nas indústrias e todos eles podem sentir-se um dia homens dignos e amantes da liberdade e abandonar as armas e os fardos e recusar o seu trabalho para os amos e para a própria escravidão.

Dei o nosso maior afan, que consiste levar a nossa persuasão ao maior número possível de pessoas; por cada indivíduo que se sente atraído pela verdade e justiça das nossas aspirações, tiramos um esteio ao edifício já derruído, da velha sociedade.

Façamos, pois, propaganda, propaganda em todos os sentidos, segundo as nossas forças, segundo os nossos meios, segundo as nossas possibilidades e nossos desejos. Há campo de acção para todos, e todos podemos atacar a sociedade capitalista e estatal, eficazmente compenetrados dos valores espirituais que defendemos, sustentamos e propagamos.

Repetimos: ainda que pareça que o capitalismo se ri das ideias, a sua reacção bestial contra os que as propagam, é a prova de que no fundo as temem, e se as temem é porque têm algum valor.

Venceremos porque contamos com a verdade e porque desejamos a liberdade e a justiça, e não nos faltará a inteligência necessária para esgrimir essas armas na escala infinita de possibilidades que se abrem à nossa iniciativa e ao nosso esforço.

L. P.

## DE LEIRIA

### Maneira curiosa de seleccionar pessoal

O que os leitores vão apreciar, não é um caso único, pois mais casos identicos se têm dado em mais localidades do país onde os que servem a religião católica teimam em fazer render pela fome, os seus adversários.

O autor destas linhas é a pessoa com quem se passou o que segue.

Ha tempo, ainda não muito longe estando eu ao serviço do Hotel Central como corrector, fiz exame para «chauffeur». Como o proprietário do hotel em referência, fosse também um sócio da União Automobilista de Leiria, pedi a este senhor para, por seu intermédio, eu entrar para a referida União, visto que na altura do meu pedido se deu uma vaga.

Este senhor prontificou-se a ser-me prestável, e escrevendo uma carta ao gerente da Empresa, da qual eu fui o próprio portador, fez-me acreditar nos primeiros momentos na sinceridade do seu interesse.

Esperei a resposta, pois tinha visto que se tratava do pedido de um sócio. O gerente, sem grandes dificuldades recusou-se a atender o pedido, alegando que havia outros pedidos à frente que tinha de satisfazer. Não ponho em dúvida que houvesse mais

pedidos, pois a pensar o contrário, era ignorar a crise de emprego, em todas as profissões, ameaçando lançar os trabalhadores na maior das misérias. Mas a recusa da minha entrada na União, não foi a que o gerente alegou. Eu não entrei para a casa, porque sendo eu conhecido como inimigo dos padres e como o sr. Bispo é um bom freguês, eu não deveria ir para lá. A injustiça é flagrante; a indignação justificada.

Seria curioso perguntar se a União vive só do sr. bispo e dos seus adeptos? Certamente, não. Vejo nos seus carros gente de todas as ideias, que se não preocupam em saber se o pessoal que os serve é monárquico, republicano, socialista, comunista ou anarquista.

Assim, não vejo razão para os senhores da União pelo facto de eu não ser católico me não quererem ao seu serviço.

Este caso não tem importância por se passar aqui e com o autor destas correspondências. Tem-na, sim, no facto de ser um sintoma da influência do catolicismo e da sua intolerância. De ambas asas vítimas os não dispostos a suportar o seu jugo.—(C.)

Na revista mensal de sciencia, sociologia e arte —

### «AURORA»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudioso

## UM PROBLEMA INTERESSANTE

# A Universidade Operária

Parece que a ideia da fundação de um estabelecimento cultural superior, com destino ao operariado, não caiu desaproveitada. Todos os militantes da organização operária com quem tenho conversado, sobre o assunto, são unânimes em reconhecer a necessidade desse empreendimento. Alguns receberam a proposta com entusiasmo, e em seus vãos imaginativos, já visionavam uma bela instituição, onde nada faltasse, cheia de luz e de vida, de alunos anciosos de sciencia e de mestres apóstolos, uma grandiosa obra de educação e de revigoração das nossas energias intelectuais depauperadas.

Mas, tudo isso pode ser, com o tempo e com o esforço sincero duma pleiade de lutadores sociais.

Vamos, por agora concretizando, de fininho o nosso projecto, nas suas linhas gerais. O nome de *Universidade Operária*, não me parece descabido. Acho que pode acolher-se bem, nesta síntese denominativa, o programa que seria necessário realizar.

A Universidade Operária não seria, propriamente um centro de investigação científica, nem de cultura estreitamente utilitária, de aquisição de conhecimentos abstractos, à maneira das normas tradicionais em uso ainda nas nossas universidades oficiais e até particulares. Entre nós, o classicismo perderia o seu valor directivo, o seu predomínio. A cultura clássica, baseada nas classificações, nas teorias abstractas, na intenção exclusiva de desenvolver as faculdades intellectuais especulativas separadas da vida real, daria lugar a uma cultura experimental, prática, sintética, sem mentiras e preconceitos científicos.

Procurar-se-ia, na Universidade Operária, formar homens completos, debaixo do ponto de vista sociológico e segundo o nível médio das exigências do nosso meio. Ler-se-ia, especialmente, em atenção criar vontades fortes em curiosidade de saber e não pequenos sábios em conhecimentos de vários géneros. A curiosidade de saber é uma fonte cristalina, de onde brota sempre a verdade. O conhecimento, em si, de aplicação imediata e utilitária, não é o que importa mais; o que importa, para o ideal educativo que se tem em vista, é criar o gosto pela sciencia, pela observação e pela critica, o interesse pelo estudo e pela investigação, a curiosidade de conhecer a verdade, toda a verdade.

Ah! Isso mesmo, isso somente é que faz avançar os homens no caminho para a luz; isso é que deita abaixo pela raiz, duma vez para sempre, a árvore da mentira, cuja sombra ainda nos envolve a todos e cujos frutos, por vezes, mesmo nós, saboreamos com delicia.

Ensinar a estudar, a investigar, a ver, é melhor do que ensinar abstractamente a raciocinar e a concluir. A conclusão deve saltar fulminante dos próprios factos observados, e não de palavras ou silogismos habilmente architectados no cérebro. Ora uma educação desta ordem, não se faz entre nós, quasi em nenhum estabelecimento de ensino, e muito menos nos superiores, onde predominam o velhêdo e as doutrinas conservadoras, inimigas de tudo quanto seja experimentação, sciencia positiva, de factos.

A Universidade Operária, guiada por este fundamento pedagógico, pode prestar às camadas operárias portuguesas um alto serviço, pois, ao mesmo tempo que as valoriza, do ponto de vista sociológico, as tor-

em menor tempo e com menor esforço, capazes de competirem, por intermédio das suas elites, com a cultura das elites burguesas, feita de palavras balôfas, duma retórica sem vida, anémica, porque lhe falta a verdade palpável.

Também não precisa a Universidade Operária, para preencher a sua alta missão, de aprofundar muito, certas especialidades ou matérias de cultura e mesmo algumas, como iniquas mortas, altas matemáticas, etc., terão de ser postas de parte, não por que se julguem desnecessárias, mas porque ficam já dentro dum âmbito de especialização que me parece mais de natureza autodidáctica do que escolar.

Seria conveniente fazer girar em redor duma disciplina, como eixo de movimento e de atracção, todas as outras, que teriam um programa, muito livre de certo, segundo a autonomia concedida ao professor, mas dentro dos limites e da acção desse foco principal. Essa matéria seria a Sociologia, ou a sciencia das instituições sociais e das leis e doutrinas que procuram solucionar a formidável questão das relações entre os indivíduos humanos. Todas as outras matérias lhe seriam subsidiárias, complementos indispensáveis.

Mas haverá, por agora, possibilidades de pôr em execução um tal empreendimento? Eis o que me parece muito difícil, mas não impraticável, em todo o caso. E direi, quando me for possível, a razão do meu modo de ver.

M. O.

P. S. — Já estavam traçadas as considerações que acima ficam, quando li em *A Batalha* da semana passada, o artigo do camarada F. Q., a respeito da «Universidade Operária». Dá o seu apoio à ideia e engrandece-a com objectivos mais largos. A iniciativa concretiza-se, toma corpo, desenvolve-se. Caminha, e ainda bem.

No próximo artigo sobre o caso, referir-me-ei aos pontos de vista do camarada F. Q., expondo o que me parece mais realizável para o momento, sem, no entanto, querer prejudicar a sua proposta, em principio.

M. O.

## DE BORBA

### A situação económica do operariado local

BORBA, 20.—Aqui a crise de trabalho já se faz sentir há muito tempo, chegando ao máximo de não se poder tolerar. Há nesta localidade, sem exagero, 400 homens sem terem onde ocupar os seus braços. Em muitos lares, as necessidades são o prato do dia.

Não é só em Borba, que se atravessa esta grande crise. Em todo o Alto Alentejo se espalha crise identica. E a tuberculose aumenta progressivamente, o que põe em graves riscos a vida dos trabalhadores. Agora, alguns, que têm encontrado trabalho, ganham salário; que não lhes chega, sequer, para se alimentarem escassamente. Os chamados ganhões, que são aqueles que trabalham nas sementeiras, ou nas lavouras, ganham apenas dois escudos por dia e comida, não tendo ao meio dia refeição quente; comem apenas, pão e queijo. Como se verifica a nossa situação económica aqui, não é nada agradável.—(E.).



## TACTICAS...

## DA MARINHA GRANDE

## As novas tácticas

## Ideias Velhas ou habilidades captadoras?

Uma das mais famosas acusações que os elementos moscovitários fazem aos militantes da organização operária, que se têm sabido manter coerentes com a orientação anti-política que deve sempre nortear o sindicalismo revolucionário, é de que estes não procuram actualizar os processos de propaganda e de acção junto das massas, nem procuram conhecer as suas aspirações e a sua psicologia actuais, que são um tanto diferentes — e nós sabemos-lo bem — do que eram há quinze ou vinte anos. Eles, sim, é que se sentem os portadores da nova doutrina, é que sabem captar melhor a massa trabalhadora, fazendo uma melhor e mais profícua propaganda, mais actualizada e acessível à mentalidade do operariado do nosso tempo. Enquanto que os anarquistas nada prometem ao operário, fazendo-lhe ver que a sua libertação económica e política reside nele próprio e que é do seu esforço apenas que depende a modificação do sistema social que o oprime, os comunistas, menos teóricos e mais práticos, proclamam a adopção de novas tácticas de luta, fazendo antegostas, ao pobre trabalhador, uma era de felicidade com a conquista dum poder político em que ele será o senhor. Com a propaganda assim orientada, dizem, o operário colabora mais energeticamente na luta para derrubar a sociedade capitalista, na doce miragem dum próximo término da sua desventura.

Ora é da mais elemental necessidade esclarecer os trabalhadores — mormente aquela parte que desconhece a origem desta luta de tendências e que é precisamente onde os comunistas encontram campo propício à sua propaganda perturbadora, — que as tais novas tácticas não contêm em si nada de novo, antes são velhas, como velho é o antagonismo entre os princípios libertários e autoritários. Onde o operário julga ver uma táctica moderna de luta, princípios novos, deve ver, antes, o interesse em o desviar do verdadeiro campo revolucionário, do sindicalismo anti-estatal e anti-colaboracionista, e assim transformar essa força grande que pode ser o operariado organizado numa máquina política que, embora rotulada de operária, não lhe pode interessar nem satisfazer, pois se não bastassem as ideias e os princípios para isto se afirmar, era suficiente a experiência russa, tão fértil em episódios sangrentos de repressão aos homens, que querem ser livres e oprimidos mais os trabalhadores, moral e economicamente, do que libertando-os.

\*\*\*

As lutas travadas no seio da I Internacional dos Trabalhadores estabeleceram a linha divisória entre as duas correntes que surgiram e se consubstanciaram em si, respectivamente, os princípios eternamente antagonistas do autoritarismo e anti-autoritarismo. Essas duas correntes, apenas ditas, a princípio, tornaram-se fortes com o rolar dos anos. Da corrente autoritária, influenciada sempre pelas teorias marxistas da conquista do poder político para se formar um Estado proletário, saíram os variados partidos socialistas, social-democratas e nos últimos anos — que os comunistas perdoem a heresia! — os partidos comunistas de diversas cores, stalinistas, leninistas, trotzkistas, etc. Todos à compita, socialistas, comunistas, etc., se afirmam os únicos e verdadeiros discípulos da ortodoxia marxista. Acção socialista e social-democrata, junto das massas operárias, tem dado já as suas tristes provas em diversos países. Partidos aburguesados, têm reduzido a função das organizações operárias, onde predominam, apenas a fins eleitorais, para satisfação e vaidade de ambiciosos que aspiram às cadeiras do poder à custa do esforço dos trabalhadores, levando estes, tantas vezes, à prática de papéis vexatórios e claudicações vergonhosas. Merecem, muito justificadamente, o apodo de *socialis-traidores*, pois já em diversas convulsões sociais têm salvo a burguesia de apertados apuros. Assim tem sucedido na Alemanha, na Inglaterra e noutros países. Daqui, os trabalhadores apenas usufruem a vantagem de ver nas cadeiras do poder os Macdonald ou os Vanderveld chefiando governos socialistas, defendendo a ordem social existente, mantendo no trono as cabeças coroadas, mas deixando o povo

(Continua na 7.ª página)

## As condições de trabalho na indústria de Vidraria

MARINHA GRANDE, 26. — Um documento elaborado pelas Associações de Classe Vidreiras desta localidade, presta curiosas informações sobre as condições de trabalho na Indústria Vidreira. Eis as partes que mais interessam:

«Atravessa-se uma das fases mais intensas da crise que atrofia a indústria vidreira. O desemprego forçado, com o seu inseparável cortejo de miséria, vai adquirindo proporções insustentáveis. Este problema angustioso, e por consequência demandante duma rápida solução determinou que as Associações de Classe Vidreiras, com clareza expusessem as origens das actuais dificuldades, solicitando o remédio que as deveria debelar.

Quando há pouco mais dum ano foi decretada a protecção pautal para os artefactos de vidraria, supoz-se finalmente, terminado um longo período de incertezas, não se prevendo que a falta de visão de alguns industriais, deflagrasse numa concorrência tão feroz e exaustiva, que os arrastou para além das suas previsões e consequentes possibilidades financeiras. A luta, na sua fase actual, assume uma característica repugnante e criminosa, porque é feita no todo à custa do sangue do operariado. Afim de se verificar a verdade — à custa de que processos tem sido feita a nefasta concorrência, que tão incalculáveis prejuízos tem causado a todos os que na indústria vidreira empregam a sua actividade — enviaram essas Associações dois delegados a Oliveira de Azemeis, e no seu relatório, verificamos cifras e dados, verdadeiramente confregadores. Assim, os industriais vidreiros de Oliveira de Azemeis, mercê do regime de onze horas de trabalho, vigente nas suas fábricas, e dos mínguados salários que concedem aos seus obreiros, lançam no mercado os seus artefactos por preços tão baixos que na Marinha Grande não cobrem o importe de seu custo, o que tem levado os industriais marinhenses a porridas tentativas de equiparação de salários com os do Norte, onde mais do que no Sul, o operariado se esgota, numa extenuante e afadigosa vida de extorsões e de miséria. Para remunerar onze horas de estiolante labor, dispendidas pelo pessoal jornalheiro, são concedidos no Norte, apenas cinco escudos diários, isto é, metade do que, na Marinha Grande se paga, por serviço idêntico, durante oito horas. Outro tanto sucede quanto ao trabalho das mulheres e das crianças, pois além de não serem cumpridas as prescrições legais que o regulamentam, compõem-nas a efectuar os mais extenuantes serviços, durante as mencionadas onze horas, remunerando-as com quantias que não excedem três escudos diários, também metade do que, na Marinha Grande se paga. Os lapidários e acabadores, cujo trabalho exige uma constante aplicação, das suas faculdades visuais e musculares, raramente conseguem no regime de empreitada, a que se encontram submetidos, o salário semanal de cento e trinta escudos, que na Marinha Grande é corrente atingir-se, com oito horas de trabalho diário. Assim, os lapidários do Norte, embora trabalhando semanalmente mais dezoito horas que os do Sul, auferem somente uma média que vai de sessenta a cento e vinte escudos, conforme as suas possibilidades físicas lhes permitam um maior ou menor esforço. Só numa oficina de lapidação norteña, cujo efectivo é composto por dezoito artifices, constatarem os nossos delegados, que durante o espaço de quatro anos, a tuberculose vitimou cinco obreiros, encontrando-se presentemente um desses nossos camaradas bastante atacado, propagando sem dúvida o seu mal entre os restantes companheiros, perante um criminoso indiferentismo dos patrões.

Os operários manipuladores de cristal, cujo trabalho esgotante à boca dos fornos, se realiza nas mais sórdidas condições de higiene, e com salários comparativamente com os da Marinha Grande, nas mesmas proporções anteriores, são ainda mais atingidos pelos males que inflicta aos seus camaradas das outras secções, podendo sem exagero classificar-se como crime de lesa humanidade, o amargurado esforço que se lhes exige.

E contudo, bastaria o cumprimento rigoroso da actual lei do horário de trabalho para desaparecerem muitas das anomalias que ora se verificam e, sobretudo, a desleal concorrência feita, por que existe essa desigualdade de condições de trabalho. — (E.)

## Como certos industriais sacrificam os seus operários

## Ouvindo dum camarada que foi a Castanheira de Pêra, um relato da situação dos operários têxteis naquela localidade

Tinhamos conhecimento dos atropelos cometidos pelos industriais têxteis de Castanheira de Pêra. Camaradas daquela localidade, que aqui estiveram há pouco tempo, tinham-nos falado de monstruosidades, de condições de trabalho insuportáveis, para mais, agravados por um labor de 12 horas e mais, a tróco duma remuneração exigua. Esses industriais pareciam marchar em terreno conquistado, habituados à passividade dos que trabalham, ao sacrifício resignado dos seus operários. Mas os seus atropelos, os inconvenientes dum tal estado de coisas, avolumavam-se e os operários que vinham organizando-se, decidiram exigir o cumprimento do horário de trabalho e mais respeito pelos seus direitos, fundamentando-se, de resto, numa lei em vigor. Para isso enviaram uma Comissão a Lisboa, em quem delegaram a realização de trabalhos, tendentes a melhorar a sua situação. Pois apesar da justiça dessa reclamação, os operários que constituíram essa comissão foram perseguidos pelos industriais, estendendo-se a perseguição a todos os sócios da Associação de Classe.

Essas perseguições atingem os limites do inverosímil, parecendo incrível que homens sejam capazes de tais baixezas.

Ouçamos, porém, o delegado da Comissão Inter-Federal, que ali foi para realizar uma sessão e observar, de perto, essas monstruosas anomalias:

— Podem dizer-me alguma coisa sobre o que se passa em Castanheira da Pêra com os operários tecelões?...

— Posso dizer-te que em virtude dum pacto feito entre todos os industriais de lanifícios daquela localidade, os operários que tenham a ousadia de defender o cumprimento da lei do horário de trabalho, estão irremediavelmente perdidos, pois já sabem que são despedidos das fábricas onde trabalham, sem terem facilidade de encontrar trabalho noutro lado. O mesmo sucede aos operários associados, pois que só por este motivo têm sido despedidos algumas dezenas de camaradas, como eu próprio verifiquei, quando ali estive.

— Mas então esses camaradas não protestam junto das autoridades contra semelhante infâmia?...

— Têm procurado as autoridades, mas... nada; tudo segue como anteriormente.

— Mas as perseguições feitas aos operários devem ter algum motivo que as fundamente, não te parece?

— Eu te conto: Em meados do

mês de Setembro p. p. uma comissão de três camaradas da direcção do Sindicato, procurou o sr. Administrador do Concelho, a fim de lhe pedir providências no sentido da lei do horário de trabalho ser respeitada em Castanheira de Pêra, pois que, na maior parte das fábricas de lanifícios, os operários pagam ao trabalhar às 6 horas, trabalhando até às 23 e 24 horas. E por isso auferem um salário que na maior parte dos casos não excede a 11\$00, ainda com a agravante de haver muitos operários que, por esse motivo, não têm onde empregar a sua actividade, que, para não morrerem de fome, se vêm coagidos a abandonar a sua terra, afim de procurarem trabalho em outras terras distantes de Castanheira.

Como o sr. Administrador respondeu à comissão que nada podia fazer a tal respeito, por não conhecer, resolveu uma assembleia realizada em 28 do referido mês, que a mesma comissão que procurou o sr. Administrador do Concelho, que seguisse para Lisboa, a fim de entregar ao sr. Sub-Secretário de Estado das Finanças uma exposição sobre o assunto. Isso fez-se, acompanhando essa comissão um delegado da Comissão Inter-Federal.

Assim que o patronato teve conhecimento da partida desses camaradas para Lisboa, reuniram imediatamente e resolveram despedir os componentes da comissão, assim

que eles se apresentassem para trabalhar. Se bem o pensaram, melhor o fizeram, pois que assim que os camaradas se apresentaram a trabalhar, pelos patrões foi-lhes dito que, por falta de qualquer coisa que eles inventaram, não podiam trabalhar, o mesmo tendo sido feito a alguns camaradas que eles sabiam ser sócios do Sindicato. A estes disseram que para poderem trabalhar nas suas fábricas, deviam munir-se dum documento pelo qual provassem que não eram sócios do seu organismo. Com este estratégia não conseguiram os seus criminosos fins, porquanto os camaradas em questão quiseram sujeitar-se a serem despedidos do que a deixar de serem sócios do seu organismo.

— Mas isso é uma infâmia?...

— E isto não é tudo. Ora repara. Um dos camaradas que tinha vindo em comissão a Lisboa, depois de ter sido despedido por esse motivo, conseguiu arranjar trabalho para um outro industrial, que não concordou com a atitude dos seus colegas, por lhe repugnar em tais vinças. Pois assim que os restantes industriais tiveram conhecimento que este camarada, José Rodrigues, estava a trabalhar por conta do industrial em questão, mandaram cartas impondo o despedimento daquele camarada, no que não foram atendidos como desejavam. Em face disto reuniram novamente, e comprometeram-se a que, caso o

## CONDIÇÕES DE TRABALHO

## PELOS CORTICEIROS

## SUBSIDIO

## Aspectos e considerações sobre a crise corticeira

Há já talvez um ano, escreviamos nós «não existir crise na indústria corticeira, mas sim crise de trabalho para os operários que na mesma exercem a sua actividade». De facto, nessa altura, assim sucedia e a veracidade de tal afirmação baseava-se em que nessa data a cortiça desliza a todo o vapor, para o estrangeiro. Hoje a nossa opinião é diversa com diversos são os fenômenos que verificamos.

Assim, vamos procurar, segundo o nosso critério e forma por que observamos os factos, descrever as causas, cujas consequências as operações corticeiras, mais do que ninguém, estão sofrendo.

O que é e o que foi a indústria corticeira? Resumindo diremos que nos seus primórdios, indústria corticeira era sinónimo de indústria rolheira, e como corticeiro era sinónimo de rolheiro. O hábito fez lei e não raro era chamar-se a um raspador, *mestre rolheiro*. Vem isto a propósito de que esta indústria na sua função inicial nada mais fazia — cremos — de que rolhas. A isso se circunscrevia toda a sua actividade. Mas, se compararmos a indústria corticeira de hoje com a indústria rolheira desses tempos, que transformações e ampliações nela nós não verificamos!

Hoje a máquina substituindo o braço, em muitos casos, na manufatura anteriormente feita, e foi a criação de mil e um artefactos derivados da cortiça, artefactos que na sua grande maioria, Portugal não fabrica.

Abraços aqui um parentese para esclarecer alguns pormenores que com a indústria se relacionam.

O sobreiro — também conhecido por outros nomes — é uma árvore que nasce espontaneamente nas serranias ou nas planícies assim como até entre os mataigais. Não necessita esta árvore do mais pequeno labor para o seu desenvolvimento e reprodução, pois muitas vezes o lavrador tem que proceder a desbastes pelo facto dos mesmos nascerem aos cardeões. Facto curioso: é precisamente nas serranias e entre os matos que esta árvore produz a cortiça de melhor qualidade. Mas, não é só cortiça — matéria de grande valor — que esta árvore cede ao egoísmo desenfreado dos seus detentores. Ela dá a bolota para a engorda dos suínos e a lenha para o carvão.

Assim, nesta ordem de coisas, esta pródiga árvore produz — sem a mais pequena despesa, um rendimento incalculável para o seu detentor.

Feito este esclarecimento aos leigos na questão, prossigamos.

Ao verificarmos o desenvolvimento progressivo que a indústria corticeira atingiu, ressalta que a despeito do triunfo da máquina, devia a dita comportar uma maior número de trabalhadores. Não sucede assim, porém.

Em Portugal — país onde existe muito boa gente que para o sacrifício, mas que em nada se sacrifica, a uma *melhor sociedade* anda à compita para ver o que mais estragos produz.

Assim, quando aí por 1910 — vésperas do 5 de Outubro — os operários corticeiros se lançaram num movimento contra a exportação da cortiça em estado de bruto — gesto esse, diga-se desde já, que foi secundado pelos industriais que viam afectados por esse facto os seus interesses — não faltaram pessoas das altas esferas sociais, especialmente lavradores, que elevassem a sua voz contra esse gesto dos trabalhadores corticeiros, que assim patenteavam a sua vontade de se não deixarem reduzir à mais pequena expressão da miséria.

Que lhes importava aos homens da política e da lavoura, cujos estômagos e cujas vaidades e ambições estão sempre satisfeitos, que a exportação da cortiça em tal estado reduzisse uma classe inteira ao desespero da fome?

Não fora satisfeita a pretensão da lavoura e alguns homens públicos na questão da cortiça em bruto, tem-na sido, porém, lenta mas seguramente, a pretensão dos estrangeiros. Assim, após a metamorfose grandiosa, por que passou a indústria corticeira, ou seja a aplicação da matéria prima em mil e um artefactos e a sua laboração substituída pela máquina, iniciou-se em quasi todos os países, a pretensão — aliás justa e louvável — de ali se fabricar esses mesmos artefactos, embora que para tal tivessem que importar, deste país e de Espanha, a matéria prima. No próximo artigo esclarecemos — segundo o nosso modo de ver — os porquês de tal atitude.

A. Pimenta

(Continua na 7.ª página)

## Pão ou trabalho

## Queremos trabalho, repudiando o subsidio

O novíssimo «mot d'ordre», lançado como uma das novas tácticas pelos políticos que pretendem servir-se do movimento operário para alcançar os seus fins de predomínio, diz-nos que à sua volta, jogando com as necessidades proletárias, se vai fazendo um jogo de partido, sob todos os pontos de vista condenável.

Condenável, porque a miséria proletária é demasiado intensa para que pretendam servir-se dela como dum estandarte para atingir fins, que não são, precisamente, os de combate à crise de trabalho. Condenável porque quem o lança está antecipadamente convencido de que, não é este o meio adequado ao proletariado para atenuar (que não resolver), a crise que atira todos os dias para a miséria inúmeros trabalhadores.

Verificamos, portanto, sem grandes preocupações de análise, que há aqui dois pontos a discernir: 1.º a crise de trabalho e o melhor modo do seu debelamento; 2.º o fim que, acenando-se aos trabalhadores com a panacéia do subsidio, se pretende atingir. Começemos por este 2.º ponto e analisemos.

A Alemanha e a Inglaterra, por exemplo, são países onde se encontra, há já bastante tempo, estabelecido o princípio do subsidio aos sem-trabalho. A despeito disto, verificamos todos os dias pela leitura de qualquer jornal, que o número de desempregados aumenta sem cessar e, consequentemente, piora a situação dos operários a receberem já subsidio, que assim vem diminuir as probabilidades de conseguir colocação.

Ora isto são exemplos vivos, de todos os dias, que demonstram, sem subterfúgios, a ineficácia do subsidio, que só consegue, adoperando a força vital do proletariado, arrastá-lo para o campo reformista, de resultados negativos à sua emancipação.

Mas isto não querem ver os defensores da nova palavra de ordem ou «nova táctica». E não querem ver porque, sobrepondo os interesses do partido político a que pertencem ou de quem fazem o jogo, aos interesses da classe trabalhadora, procuram todos os meios com que elevem a sua aspiração de política, ainda mesmo em prejuízo da emancipação do proletariado.

E' preciso, claramente, ver quem defende o proletariado, ou quem se serve deste para defender os seus interesses particulares, de partido.

E' possível, quero crê-lo mesmo, que entre os defensores do subsidio se encontram camaradas sinceros que defendam honestamente este princípio. Mas é bom separar o trigo do joio. Entre estes, encontram-se muitos outros que, convicts de antecipaadamente da ineficácia do subsidio, não hesitam, entretanto, em acenar com ele às massas trabalhadoras, iludindo-as com o cartaz vistoso de pão ou trabalho.

Sem dúvida que o povo trabalhador, na situação de desemprego, necessita de mitigar a fome a si e aos seus filhos. E' um princípio indiscutível que deve merecer de todos os o mais detido estudo.

Crisis tem-nas havido sempre. Mais ou menos, em menor ou maior número, viu-se o proletariado, periodicamente, atirado para o desemprego, desde o momento em que nisso tinha conveniência o burguês explorador.

A questão não é de hoje. Já tem cabelos brancos. E persistirá sempre, enquanto os trabalhadores viverem nas actuais condições económicas. Só pela desapareição do salariato, quando o esforço do homem não for medido por uma remuneração sempre áquela do que produz, quando tiver desaparecido a escravidão, disfarçada é certo, mas escravidão de facto que nos sujeita a um viver miserável em que, a despeito de exaustivo esforço que todos os dias desenvolvemos, temos sempre ante os olhos a perspectiva do desemprego, nesse momento então, terá a crise de trabalho a solução desejada. Antes disso — não nos iludamos — a crise não desaparecerá porque ela faz parte do sistema estatal e capitalista.

Por agora existe uma solução para atenuar o desemprego: a diminuição da jornada de trabalho. Para aqui devem enveredar todos os nossos esforços.

E por esta aspiração de inteira justiça, mais que justificada, todos devemos lutar. Esta é uma aspiração nitidamente proletária.

(Continua na 6.ª página)

## A Emancipação dos Trabalhadores

Os trabalhadores carecem de olhar para o que se passa no mundo. Agitados por fenómenos variadíssimos, mas de origem comum, todos os países do globo se encontram a braços com crises tremendas, que se manifestam por um crescente mal-estar, por recios inconstantes, por manifestações de ordem política e económica, que só surpreendem os não interessados na marcha dos acontecimentos mundiais.

Nesse caos, que se assinala à medida que os meses passam, um ponto emerge que não deixa desviar a atenção de todos: o mal-estar social, surgido, não resta dúvida, do mal-estar económico.

Na solução desses problemas andam empenhados um sem número de partidos políticos — desde os mais reacccionários aos mais revolucionários — apresentando todos soluções... que nada solucionam.

E' preciso interessar toda a colectividade na solução dos seus problemas. E na colectividade estão compreendidos os trabalhadores, constituindo mesmo a sua grande força, a sua quasi totalidade.

E isso só será conseguido fora da actividade política que predica o estado como força determinante.

## Este número foi visado pela Comissão de Censura.



## NA COSTA RICA

## Os salários dos trabalhadores e o custo da vida

Para fazer um resumo do salário que ganha um operário da cidade, incluindo os que têm ofício, temos que tomar por base as principais cidades, tais como São José, Cartago, Puntarena, Alajuela e Heredia; em Limón, por estar situada na zona do Atlântico, onde o clima é mortífero, assim como a vida é bastante cara, os salários são um pouco mais elevados que naquelas cidades. Nesta última o salário dum operário de ofício oscila entre oito e dez colones diários, e os seus, entre quatro e cinco colones diários. É de supor que o preço dos artigos de maior consumo são, por fim, mais caros que no resto do País. Assim vemos que em Limón um operário com quatro pessoas de família, por termo médio, gasta diariamente seis colones vinte centavos. Esta média fazêmo-la tomando por base o que nos dizem vários amigos que ganham entre sete e oito colones diários. Não somos tão completos como desejariamos, porém podemos fazer uma ideia do que custa viver na zona atlântica. E os preços que vigoram em Limón são os mesmos dos campos próximos, com a diferença de que o camponês que mais ganha nas plantações da United Fruit Company não passa de seis colones diários.

Nas cidades atrás mencionadas, exceptuando São José, onde o operário está um pouco mais bem retribuído, e os salários para homens com ofício são de 5 a 7 colones, com algumas excepções de oito, nove e dez, o peão ganha 2 colones 75 centavos e 3 colones 50 centavos. O preço dos artigos de maior consumo tem, segundo estatísticas do governo, uns 15 a 30 % de diferença sobre os preços da zona atlântica.

Para as outras cidades podemos estabelecer o seguinte padrão: homens com ofício de 4 a 5 colones diários; peões de 2 a 3 colones diários. O salário dos infelizes camponeses varia entre um colone cinquenta a dois colones e cinquenta. E os preços da alimentação, talvez mais caros que em São José.

Segundo a estatística da mortandade infantil durante o ano de 1928, apresentada pelo dr. Lujan, a quantidade de crianças mortas durante esse ano, eleva-se a 10.600 (a população do País é de seiscentos mil habitantes). Causa de morte: a difteria, anémia, tuberculose, tifoide e sífilis. O mesmo doutor na mesma informação diz que 80 % das mulheres deste país, especialmente, as camponesas, estão atacadas de sífilis.

E não se julgue que é melhor a situação do proletariado no resto da América Central. Poderíamos continuar reproduzindo detalhes demonstrativos de Salvador, Guatemala, etc., porém não é necessário. Uma boa parte dos trabalhadores agrícolas estão ocupados nestes países nos cafésais ou nas plantações de United Fruit Company, polvos yankees que mantêm condições uniformes de exploração e que fazem fortuna à custa do sofrimento e da dor do proletariado, directamente submetido ao seu domínio.

## A BATALHA

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

CONTINENTE e ILHAS:	
Série de 10 números.....	3\$00
ÁFRICA:	
Série de 20 números.....	8\$00
ESTRANGEIRO:	
Série de 20 números.....	11\$00

## Pagamento adiantado

Toda a correspondência deve ser enviada para o APARTADO n.º 329. LISBOA

## NA ANTIGUIDADE

O trabalho em várias épocas  
Uma lição de Sócrates

## Defesa do trabalho manual

Ora aqui é que eu te queria apanhar, Aristarco. E's então dos que entendem que, lá por serem livres, as tuas parentes não hão de fazer outra coisa senão comer e dormir? E tu atrever-te hás a sustentar que as pessoas livres que vivem na ociosidade são mais felizes que as que se ocupam das coisas úteis que elas conhecem? Então as tuas parentes só aprenderam o que sabem como coisas sem préstimo, e não para disso se servirem um dia? Não achas, pelo contrário, que sereis todos mais felizes quando saídes de dificuldades por meio do trabalho? Hás-de gostar mais delas no dia em que deixarem de viver à tua custa—ai, é muito natural, não me desminta!—e elas próprias, podes estar certo, se hão de orgulhar de te trazer satisfeito...

—Não há dúvida, Sócrates, tens razão: assim seríamos mais felizes; mas tu bem sabes que muitas pessoas livres, sobretudo as que receberam uma educação liberal, entendem que o trabalho manual, especialmente se serve para ganhar a vida, é indigno de homens livres...

—Bem sei; conheço perfeitamente esse preconceito. Há muitos filósofos, muitos letrados que sustentam, assim, não deverem os cidadãos trabalhar manualmente; caso contrário, não terão vagar de pensar, nem poderão tomar parte activa na administração da cidade. Entretanto, se é compreensível que espartanos se considerem desonrados quando trabalham, poderão atenienses fazê-lo sinceramente? Ora, olha em torno de ti. Hás-de ver por certo alguns grandes patrões que não fazem outra coisa senão vigiar os seus escravos. Mas todos esses homens, ferreiros, oleiros, correiros, sapateiros, negociantes de farinha, fabricantes de liras e de escudos, que todas as manhãs saltam da cama ao canto do galo, indo para o trabalho ainda de noite, são então todos escravos? Bem sabes que não. Tu próprio conheces muitos desses laboriosos artífices que trabalham, com o filho ou a mulher, nas suas modestas lojas, onde às vezes nos vamos sentar. Não eram tampouco escravos todos esses patrões ou artífices isolados a quem, por pequenas empreitadas, ainda não há muito, Pericles, esse político tão inteligente, confiava a construção do nosso belo templo do Partenão.

Andam por aí a dizer que cidadãos que trabalham por suas mãos não são capazes de exercer os seus direitos. Ora adeus! Então a assembleia do povo, a qual se dirigem os maiores homens de Estado, não é composta de calandeiros, pedreiros, caldeireiros, lavradores, mercadores, ferros-velhos, indivíduos que procuram vender caro o que compraram por baixo preço? Escuta-nos, nos dias de reunião, antes de o arauto ter anunciado que a sessão vai começar; escuta-nos no momento da votação, e diz-me se eles se não sentem ao nível dos mais afortunados, dos mais ociosos!

Quem se atreverá, pois, a dizer, depois de os ter visto e escutado, que o trabalho embrutece? Escuta os cantos ritmados que alegram os obreiros; segue-os nos dias da festa; anda conversar comigo para as lojas, e hás-de ver todos os benefícios do trabalho! Ele ensina aos homens o que eles devem saber; lembra-lhes o que aprenderam; dá-lhes saúde e vigor; garante finalmente o que é necessário à vida. Acredita-me, trabalhar é na verdade melhor do que torturar o espírito a pensar na maneira de viver.

Se estás convencido, vai ter com as tuas parentes e não hesites em lhes propor um partido que será tão vantajoso para ti como para elas. Tomá-lo hão decerto com alegria. Aristarco coçou a orelha, e o bom Sócrates deixou-o, prosseguindo-o no seu caminho para a Agora.

## As damas trabalham

Mas o mais estranho é que, a acreditar em Xenofonte, discípulo de Sócrates, que é quem nos refere esta história, Aristarco fez compreender às suas catorze parentes que o conselho era excelente.

Bem ou mal, lá arranjou algum capital e com ele comprou-lá. As mulheres fiaram e

têceram; jantavam trabalhando; ceavam depois do trabalho. A tristeza sucedeu em breve a alegria. Em vez de trocar olhares irritados, eram com prazer que se viam. E as mulheres agora chegavam a zombar de Aristarco, o único, diziam elas, que comia sem trabalhar.

Pois diz-lhes, aconselhou Sócrates, quando Aristarco lho contou, que tu as guardas como o cão da fábula, e que, graças a ti, elas, pobres ovelhas, não são insultadas por ninguém, podendo assim, sem temores nem penas, continuar a sua laboriosa existência.

Não nos diz Xenofonte se as senhoras ficaram satisfeitas com a comparação. Na verdade, não era lá muito amável. Mas, quanto a nós, o que queremos tirar e refer desta história é que a maior parte dos atenienses não consideravam desonroso o trabalho manual; que, trabalhando todos os dias ao lado dos seus escravos, não os desprezavam, nem os tratavam com rudeza; e que pouco a pouco se elevavam, ao menos nos costumes, a algumas práticas de verdadeiras igualdades.

**Reflexões.**—Esta conversação de Sócrates é tirada quasi textualmente dum livro do filósofo Xenofonte, seu discípulo. Nesse livro, intitulado *Os Memoráveis*, Xenofonte refere, com efeito, as lições e conversas que teve. E no capítulo II do livro II que se encontra este diálogo entre Sócrates e Aristarco.

Mostra-nos ele com exactidão a transformação operada desde a época homérica. No tempo de Ulisses, vivia cada família para si; era um regime de *economia doméstica*. Na Atenas do século V, os artífices trabalhavam para vender; é um sistema de *troca* que assenta a sociedade. Mas a ideia principal do diálogo é que o trabalho manual não é desonroso, podendo homens livres dedicar-se a ele, sem que deixem de ser bons cidadãos. Com efeito, nas sociedades antigas era ideia corrente dever o trabalho manual ser deixado aos escravos. Entre os filósofos, Sócrates fazia quasi excepção sustentando o contrário: é que ele tinha diante dos olhos o exemplo de Atenas, onde os artífices livres eram a maioria. Acrescentemos que o próprio trabalho se conservava livre: o mestre não se achava reduzido ao papel de autómato; a loja ou oficina, aberta ao trânsito, era um atraente lugar de reunião; o trabalho era amenizado com cantos; e havia por ano uns 60 dias festivos.

Alberio Thomas

## NOS ESTADOS UNIDOS

## Uma morte e a crise de trabalho

Com cem anos de idade faleceu em 16 de Setembro, próximo de Washington a velha militante operária norte-americana conhecida por «Mother Jones» (Mãe Jones).

Pouco antes da sua morte tinha entregue a João Walker, secretário-tesoureiro da reorganizada associação dos mineiros, os seus últimos mil dólares, dizendo, que deviam ser usados para restaurar a organização mineira, e livrá-la da influência de João L. Lewis.

Em Outubro do ano passado enviou um telegrama de saudação aos mineiros do distrito de Illinois por ocasião do aniversário do massacre dos grevistas de Virden. Nesse telegrama incitava os «rapazes» de Illinois a lutarem pela liberdade a todo o custo, e manifestava o desejo de ser enterrada junto das vítimas da greve de Virden, longe dos traidores e dos covardes.

\*\*\*

Em virtude do desemprego que cada vez mais se intensifica entre os têxteis de Pater-sen, o conselho executivo da Liga da Comissão Manufatureira apresentou como «único remédio» contra a super-produção e falta de trabalho, a adopção da semana de cinco dias com a totalidade de 40 horas de trabalho.

## O ESPERANTO

## A Burguesia deseja aproveitar das suas vantagens

No XV Congresso dos Esperantistas Italianos, tomaram parte, além de representantes de todos os grupos italianos, 34 estrangeiros. A organização de turismo do Estado Italiano tomou a seu cuidado a parte turística.

Entre outros, um representante do governo, o vice-governador da cidade e outras autoridades locais saudaram pessoalmente o Congresso. O príncipe real e o ministro da instrução enviaram saudações telegráficas.

\*\*\*

De 5 a 7-IX realizou-se em Dundee o Congresso dos Esperantistas Escoceses. O Director da Instrução e o Presidente do Comité Escolar da cidade promoveram facilitar a introdução do Esperanto nas escolas.

\*\*\*

No Congresso Internacional de Esperantistas Católicos, realizado em Budapeste, em Agosto último, tomaram parte, além de muitos seculares e padres de categoria inferior, cerca de 30 bispos e 6 cardeais. Um destes, na qualidade de Legado do Papa, presidiu às sessões. Os congressistas foram saudados pelo Nuncio Apostólico, ministro dos Negócios Estrangeiros, etc., etc.

Como se verifica a burguesia não dorme, aproveitando os recursos do progresso em seu exclusivo proveito, enquanto uma parte dos avançados parece ignorar as vantagens do esperanto.

## Pão ou trabalho

(Continuação da página central)

tária. Não há quaisquer propósitos por detrás dela que não sejam a de que todos trabalhem.

O proletariado reforçando mais uma vez o seu desejo de «que a terra só pertença a quem trabalha», não deve desejar o subsídio que, forçadamente iria criar uma nova legião a comer à custa dos trabalhadores. Não me refiro aos desempregados, mas aos funcionários a existir nas repartições a criar que começariam a comer toda a verba destinada para o subsídio, enquanto o pobre trabalhador, fiado na sua eficácia, veria diminuir a sua capacidade de resistência em benefício exclusivo dos seus exploradores.

Portanto, só existe um caminho viável no momento presente: a reivindicação das seis horas de trabalho diárias.

E assim, oposto aos fins ocultos que determinam por parte de alguns indivíduos o grito de *pão ou trabalho* ou *lancem o meu trabalho para todos, para todos terem pão*.

É esta a opinião dum operário que não tem outros interesses que não sejam os de todos os proletários em geral, no seu desejo legítimo de se emanciparem da tutela estatal e capitalista que sobre todos pesa.

G. de Sousa

## NA ARGENTINA

## Um fusilamento e atitudes

Segundo informa o jornal *Despertad* de Vigo, um dos fusilados em Rosário de Santa Fé foi o seu correspondente naquela cidade, camarada Joaquim Penina.

\*\*\*

Duma carta de M. Andersen Pacheco, de B. Blanca, Argentina, extraímos as seguintes passagens:

«Os ferroviários que passam de cem mil associados, acabam de declarar que são uma organização de paz, que desejam o progresso e o engrandecimento da Nação... Das associações influenciadas pelos socialistas não há que falar. Esses aguardam os acontecimentos...»

**Ler e propagar «A Batalha» é o dever de todos os trabalhadores.**



## TACTICAS...

## Ideias Velhas ou habilidades captadoras?

(Continuação da página central)

a braços com a miséria, com a fome e com o desemprego.

Os comunistas, é certo, atacam a corrente socialista, porém o defeito inicial do seu partido é idêntico. Surgem com as novas táticas para atrair a classe operária, em cujas organizações pretendem dominar. Para fazerem a revolução imediata, como apreço em enorme grita?

Será antes para fazerem dos organismos operários outras tantas secções políticas às ordens de Moscú e, à semelhança dos seus predecessores socialistas, converterem o operariado numa força passiva que se preste a colaborar numa causa que não é a sua, nem donde poderá vir a sua emancipação.

Os comunistas não deram ainda, à excepção da Rússia, as suas provas na governança pública como os seus irmãos socialistas. É certo que dizem na sua propaganda não aceitar o colaboracionismo com as classes e governos burgueses. Mas ainda não é tarde! Em França já há «maiores» comunistas, na Alemanha já há burgomestres daquele partido. Com a força parlamentar que possivelmente irão possuindo nalguns países não será de todo para estranhar, que com o decorrer do tempo e com as modificações de tática que a experiência lhes aconselhe, ainda vejamos um governo comunista no poder, velando, em nome da emancipação dos trabalhadores, pela preciosa segurança de Sua Magestade Britânica, por exemplo.

\* \* \*

O operariado que confronte e faça o seu juízo, livremente, sobre qual a directriz que mais satisfaça as suas aspirações de emancipação. Se a daquelas que ainda ontem eram contra a intromissão da política nos sindicatos, que eram anti-eleitorais e anti-parlamentares, e que hoje, obedecendo à tão celebrada tática, nos aparecem transformados, num pasmoso malabarismo de ideias, defendendo o que já atacaram e atacando o que já defenderam; ou se dos que se mantêm fieis aos seus princípios e às suas ideias, que estão hoje onde estavam ontem, defendendo um sindicalismo livre de qualquer tutela política, seja qual for o rótulo com que se apresente, e que se são atacados e aleivosamente insultados é por obstarem com todas as suas forças, a que dentro dos sindicatos se ponham em prática aquelas táticas que há muito foram postas de parte por perniciosas aos interesses e ao futuro do proletariado revolucionário.

A. S. J.

## CARLOS MARX

Um livro de Emílio Costa

Emílio Costa escreveu um livro sobre o conhecido economista Carlos Marx que a Coleção «Homens e Ideias» editou. Essa mesma coleção editará livros sobre vários teóricos das várias escolas socialistas.

O livro agora editado é curioso, digno duma cuidada atenção, apresentando-nos o seu autor, Carlos Marx sobre vários dos seus aspectos de homem de estudo, não deixando de analisar, criticando, as tão conhecidas e discutidas doutrinas, tidas como base do marxismo actual.

Oportunamente, nos referiremos a esta obra com mais desenvolvimento.

## Aos assinantes de «A Batalha»

Esperamos que os nossos assinantes cumpram com o seu dever liquidando com prontidão, quando lhe forem apresentados os recibos dos 10 primeiros números, que mandámos à cobrança, para não haver devoluções que sempre causam transtornos e prejuízos.

## DE MESSINES

## Como um comerciante compreende os seus direitos de explorador

MESSINES, 22.—Nunca é demais verberar o proceder ignóbil da classe patronal desta localidade para com o pessoal que tem ao seu serviço, e, em especial, os srs. comerciantes para com os seus empregados de balcão e de escritório. Valendo-se da sua desorganização e da crise do desemprego, exercem sobre estes trabalhadores uma exploração ignóbil; as mil e umas arremetidas que sobre as suas vítimas arremessam, não impede que, as incitem a abdicar do seu caminho emancipador com ameaças de os despedirem, se não procederem ao seu sabor. Alguns, por os seus empregados reclamarem o que de justo lhes pertence como sejam as oito horas de trabalho, aqui letra morta, chegam a procedimentos torpes.

Um caso recente citarei para elucidar melhor a benevolência destes senhores.

Uma firma comercial desta localidade tem tido ao seu serviço um guarda-livros, vai em 5 meses. Ontem, dia 21, teve depois da hora normal uma mera precipitação ao fechar da escrita sucedendo enganar-se.

O patrão, depois de dar com o engano insulto-o, acabando por o despedir e acrescentando que este não tem competência para o desempenho de tal serviço.

Em seguida incitou-o a assinar um recibo do teor seguinte:

Recebi dos srs. ... a quantia de trezentos e quinze escudos, em pagamento de vinte e um dias no corrente mês, que estive ao seu serviço, como empregado de escritório não me julgando com direito a qualquer reclamação ou indemnização por ter saído, por me faltar competência para o desempenho de guarda-livros para que fôra convidado.

E o patrão num propósito firme diz-lhe: «que só receberá o seu dinheiro se assinar o dito documento, que outro fim não tem do que não seja a recusa do pagamento de um mês de ordenado que a lei faculta a qualquer empregado despedido. O empregado em questão vendo-se exausto de recursos para recorrer à autoridade, e até mesmo, para se transportar para o seu domicílio foi obrigado pela força das circunstâncias a assinar o tal recibo.

Eis mais uma das tantas especulações que continuamente se registam. Para as evitar é preciso que os empregados no comércio e escritório se organizem de molde a repelir todas as explorações que os atinge. (C.)

## MARCO POSTAL

**Porto.**—F. Ferrão.—Manda o endereço de Acácio Loureiro; M. Costa Ribeiro, agradeçamos a lista de assinantes.

**Setúbal.**—J. R. Faisca.—Para assuntos de «Aurora» dirija-se a L. da Póvoa, 9, Esclareça melhor o que deseja sobre o nosso jornal.

**Vila Alta.**—J. Manuel Lança.—Recebemos 10\$00 para a vossa assinatura que ficou paga até ao n.º 33.

**Giesteira-Escoural.**—José Dias Catxeiro.—A sua assinatura ficou paga até ao n.º 16.

**Borba.**—J. A. Paiva.—Seguem os jornais para o agente. Entendido.

**Porto.**—Joaquim Vicente.—Ficou paga a sua assinatura, bem como a de Fernandes de Sousa, de Famalicão, até ao n.º 10.

**Coimbra.**—António de Sousa.—A importância que nos enviou, pagou a sua assinatura até ao n.º 10. Em devido tempo recebemos os nomes dos assinantes.

**Lisboa.**—M. Pinto.—Impossível. Já o tentamos por várias vezes.

.....

A organização operária tem na

«Vanguarda Operária»

o seu porta-voz no Norte.

## DE COIMBRA

## A crise económica e alguns aspectos da situação dos trabalhadores

A crise e deficiência económica que atravessam todos os povos, em geral, e, em especial, as classes trabalhadoras de todo o mundo, é bem a prova insofismável do desequilíbrio do capitalismo.

Quer as medidas apresentadas pelos economistas burgueses, quer as tentativas de salvação por parte dos homens de estado todas têm sido e serão impotentes para resolver esse tremendo problema. De dia para dia sentimos cada vez mais o agravamento deste mal estar económico, verificando-se até, que, nos países governados pelos chamados partidos operários a situação das classes trabalhadoras é pouco invejável. Diga-se de passagem até, que é onde o desemprego atinge proporções esmagadoras (por exemplo a Inglaterra).

A engrenagem estatal é duma tão grande complexidade, que por mais bem intencionados que sejam os homens, não é possível por meios colaboracionistas e dentro desta ordem de coisas, conseguir que as classes superiores sobreponham aos seus interesses o bem estar colectivo e social.

\* \* \*

Em Coimbra—como sucede em toda a parte—os trabalhadores sofrem a mais pesada e dura situação no que diz respeito a habitações. Já por consequências de ordem económica, já pelo êxodo para as cidades do povo aldeão, e ainda, também, pela ganância e egoísmo dos homens de dinheiro, que só mandam construir prédios para as classes ricas.

E assim, torna-se problemático para os trabalhadores, e para o povo em geral, o adquirir-se, mesmo que seja uma pocilga onde não entra o sol purificador, nem a luz vivificante.

O problema de habitação é um dos pontos fundamentais, para todos os homens de coração, de sentimentos e de ideias de perfeição humana.

Compete também—principalmente—às massas organizadas enfrentá-lo a sério; é, talvez, quanto ao nosso modo de ver, um assunto que merece estudo aturado.

\* \* \*

O que se passa com os salários que afluem os trabalhadores desta cidade, toca os limites do inconcebível. Será possível que se possa viver com trêze e quatorze escudos diários?

Pois é quanto ganha em média (e isto por alto) um operário.

Apesar disso os trabalhadores, ainda para supremo gaudío dos que os exploram descuram a própria situação e contribuem, com o seu indiferentismo, para que estas anomalias continuem a registar-se.

E' inacreditável, mas é verdade. Será isto viver? Julgo que não. Quanto muito é vegetar. E são os trabalhadores que com o seu indiferentismo e por falta de solidariedade, que muitas vezes agravam a sua situação económica.—(C.)

## NA BOLÍVIA

## O movimento operário

O primeiro congresso operário só se realizou na Bolívia em 1925. Existiram antes organizações e travaram fortes batalhas contra o capitalismo, algumas delas terminando em chacinças, como a de Uncia, porém, a organização em geral não conseguiu então exercer uma influência visível para a regularização dos salários e melhoria das condições de vida.

Ultimamente o movimento operário cobrou vigor e extensão, saindo do reformismo e declarando-se libertário.

Os trabalhadores bolivianos ainda não disfrutaram da jornada de oito horas, tendo iniciado um movimento neste sentido.

## OS TEXTOS

## Condições de trabalho em Castanheira de Pera

(Continuação da página central)

lato, qual é a situação dos operários de Castanheira de Pera, só por terem a criminoso lembrança de reclamarem o cumprimento duma lei em vigor e que estes senhores se negam a cumprir, só porque a mesma beneficência os operários. Os industriais chegam a afirmar que em Castanheira de Pera são eles quem manda e que nunca ali chegará a lei do horário de trabalho. Se tal acontecer encerrarão as suas fábricas. Acrescentam: «cada um irá para onde quizer, porque, com oito horas de trabalho, nas nossas fábricas ninguém trabalhará!»

—Diz-me uma coisa: realizou-se a sessão onde deverias falar?

—Não se chegou a realizar, porque, tendo a Direcção da Associação oficiado ao sr. Administrador do Concelho, em 20 do corrente, pedindo autorização para a realização da Assembleia geral em 26 do corrente, só no passado sábado, pelas 17 horas, chegou um officio do mesmo senhor, no qual dizia não poder autorizar a sessão pedida. Não havia explicações. Contudo, todos compreendemos. Não convinha que os operários revelassem o mau procedimento dos industriais. Estes julgam que os operários devem ser os escravos de sempre, sem que lhes assista o direito de usufruirmos as regalias duma lei que os beneficia. Ao mesmo tempo não querem que se diga que enquanto eles vão acumulando fortunas fabulosas, este ano os lucros duma fábrica foram de 800.000\$00, os operários não ganham o suficiente para se alimentarem.

E o nosso camarada terminou. Pelo exposto se fará uma ideia da desesperada situação dos nossos camaradas de Castanheira de Pera.

## DA INGLATERRA

## Aumentam os sem trabalho

O Ministério do Trabalho comunica que em 13 do mês passado, o número de desempregados na Inglaterra era de 2.188.672. Houve um aumento de 12.481, em relação à semana anterior e de 973.623 em relação a igual data do ano de 1929.

Como se verifica o governo socialista não conseguiu, sequer, atenuar a enorme crise de trabalho, embora tenha procurado os meios de o conseguir.

E' que a questão, para ser resolvida, implica a supressão da organização social da actualidade. E isso não convém aos socialistas.

## DE SETUBAL

## Nova Comissão Administrativa

SETUBAL, 20.—Na Associação de Classe dos Operários da Indústria de Construção Civil e Artes Correlativas foram, na sua última assembleia geral, nomeados os seguintes camaradas para os diversos cargos da direcção da Associação:

**Direcção:** Presidente, António Casimiro da Silva; vice-presidente, Francisco Gregório Filipe; 1.º secretário, Rafael dos Santos Ribeiro; 2.º secretário, António Augusto da Silva; tesoureiro, Francisco Valido.

**Assembleia Geral:** Presidente, Joaquim Vilhena; 1.º secretário, Amadeu Pinheiro; 2.º secretário, Eduardo Coutinho Peixoto.

**Conselho Fiscal:** 1.º vogal, Agostinho de Jesus; 2.º vogal, João de Oliveira e 3.º vogal, José Baptista.



# A BATALHA

ASSOCIATION INTERNATIONALE DES  
INTER-  
NATIONAL  
WORKING MEN  
ASSOCIATION  
INTERNATIONAL  
LE ARBEITER ASSOCIATION  
ASSOCIAZIONE INTERNAZIONALE DEI LAVORATORI

CRONICA INTERNACIONAL

DO BARREIRO

## A America do Sul Confusão ou quê?

Na América do Sul desenvolvem-se, continuamente, movimentos insurreccionais, que estendem por vezes, a sua zona de acção a um campo bem amplo. Não há muito, ainda, a Argentina sofreu uma forte sacudida, dando em resultado terem ali desaparecido certas regalias e liberdades, que representavam alguma coisa, apesar de pouco. Hoje nem isso existe. Demonstra-o o desaparecimento de «La Protesta» o órgão da F. O. R. A. a organização da Argentina de maior força e influência.

Agora, é o Brasil.

Aqui a situação é difícil de analisar, porque, apenas, nos chegam notícias que pouco ou nada adiantam. Quando a situação parecia resolvida, surgiram novos contratempos e a luta lá continua.

A que se deve esse movimento?

Se recuarmos no tempo e estabelecermos relação com certos factos, verificamos que aquela luta interna não é alheia a pretendida influência económica que a América do Norte e a Inglaterra disputam, num desejo manifesto de encontrarem, cada um desses países, mercados para os seus produtos. Ainda não há muito a Inglaterra enviou ao Brasil uma comissão de estudo, que orientou os seus trabalhos no sentido de encontrar a melhor maneira de ser a Inglaterra o país a manter a hegemonia económica do Brasil. Por outro lado a América do Norte não dorme.

Ora para eficácia dessas negociações é exigida ordem no país. Daí, talvez, a luta, onde se nota um desejo de pacificar o país, mantendo-a numa normalidade política, para sossego dos capitalistas.

Terá o movimento, apesar-disso uma característica, ao menos indicando um propósito de dar mais à vontade à vida social, e mais liberdade à actividade dos propagandistas?

Eis passagens dum manifesto editado em Maio deste ano, que podem ser uma resposta:

«Ao povo do Brasil, ao proletariado que sofre nas cidades, aos trabalhadores oprimidos nas «fazendas»; à massa miserável do campo e, muito especialmente, aos revolucionários sinceros e aos que estão dispostos para a luta e a sacrificarem-se por uma profunda transformação, por que necessariamente se tem de passar — vão dirigidas estas palavras».

Em seguida alude à campanha política que, então, terminava e diz: «Somos governados por uma minoria, que, sendo proprietária da terra, das «fazendas» e dos latifúndios, senhora dos meios de produção e apoiada pelos imperialismos estrangeiros, que nos exploram e dividem, só será dominada pela verdadeira insurreição generalizada, pelo levantamento consciente das massas das povoações do campo e da cidade. Queremos combater a grande propriedade territorial e o imperialismo Anglo-Americano. Estas são as causas fundamentais da opressão política em que vivemos e das crises económicas em que nos debatemos».

É claro que não se sabe se o movimento agora em marcha tem alguma relação com o movimento preconizado nesse manifesto, de resto parecendo indicar, apenas, preocupações liberais. O que se sabe é que a luta é renhida, parecendo qualquer dos lados disposto a gastar todos os seus esforços e recursos. E mais uma vez, vem ao terreno da discussão o problema da incapacidade da organização social, conhecida em toda a parte, para debelar o mal que em todo o lado se desenvolve.

## A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

### PORTUGUESA

recomenda a leitura de «A Batalha» e «Vanguarda Operária»

BARREIRO, 19. — Ao iniciarmos a nossa colaboração em A Batalha fazemos votos para que ela trilhe um caminho em harmonia com a mais ampla concepção das ideias de redenção humana, não aceitando nas suas colunas prosa que possa, mesmo ao de leve, contribuir para que o confucionismo que reina nas hostes proletarianas e no campo das ideias, tome maior incremento, mas que empregue todos os esforços no sentido esclarecer e tornar límpido o azul celeste das nossas aspirações.

Nesta ordem de ideias, inicio as minhas correspondências, criticando um gesto que apódo de confucionista.

\* \* \*

Há poucos dias a Associação Comercial do Barreiro convidou todas as colectividades aqui existentes a fazerem-se representar numa reunião que tinha o fim de tratar da construção das já célebres muralha e oficinas de C. de Ferro. Lá se fizeram representar entre outros organismos, a Associação dos Descarregadores de Mar e Terra, Sindicato da Construção Civil, Ferroviários e Corticeiros. Os delegados operários e representantes da autoridade, etc., confraternizaram no elo que unem as mesmas aspirações, e mutuamente se trocaram muitas Ex.<sup>as</sup>.

Poucos dias depois veio parar a minhas mãos uma representação a enviar ao ministro, sobre o mesmo assunto, representação essa que foi o parto da dita reunião, onde figuravam os carimbos de muitas casas comerciais, associações patronais e o jornal Sul e Sueste, órgão dos trabalhadores ferroviários, e sindicatos operários que se fizeram representar na já aludida reunião.

Acaso seremos nós contra a realização dessas obras? Não!

O que nós não compreendemos é como seja possível os trabalhadores — sempre desprezados, caluniados e perseguidos pelos de cima — aceitarem como boa a colaboração com organismos e indivíduos que só os seus interesses feridos faz mexer. Acaso se esqueceu já as afirmações tantas vezes feitas, até por alguns dos delegados operários citados, de que dum lado devem estar os oprimidos e de outro os opressores? Acaso se esqueceram, certos elementos, que a colaboração com as classes dominantes só produz confusão e encaminha as massas trabalhadoras para a sua eterna escravidão?

Tenhamos em vista a célebre Comissão Pró-Defesa dos Interesses do Barreiro e o procedimento do delegado da organização operária local.

Basta de confucionismos! Basta de máscaras! Ou bem que somos pela luta de classes, ou bem que somos pelo reformismo mais descarado. — (C.)

## Auxílio à «A Batalha»

Transporte...	2.422\$80
Dois operários da Fábrica de Tabacos «A Lisbonense»...	7\$50
António de Sousa—Coimbra...	2\$00
Quete tirada entre os operários da construção civil que trabalham por conta do Conselho Técnico nas obras da Praça do Comércio (antigas Encomendas Postais):	
Horta...	2\$50
Serafim...	1\$50
Luís António...	1\$00
M. Garcia...	\$50
F. Duarte...	1\$00
José Manuel...	1\$00
Morais...	1\$00
José Braz...	1\$00
Artur Marques...	1\$00
Bernardo Silva...	1\$50
Miranda...	1\$50
Barata...	1\$50
Gaspar...	1\$00
Verissimo...	1\$00
Alfredo de Sousa...	1\$50
Emílio...	1\$50
António Francisco...	1\$00
José Borges...	1\$00
João Jorge...	2\$00
António Braz...	2\$50

A transportar... 2.460\$30

## VIDA SINDICAL

### Comissão Inter-Federal

Reuniu a Comissão Inter-Federal, tendo apreciado officios da «Comissão de Relações Nacionais e Estudo de Defesa Rural», da Associação Operária de Tecelões de Castanheira de Pera e correspondência de Odemira, Vila Rial de Santo António e de Alferrarede.

Também foi recebida uma credencial para os delegados dos rurais junto desta Comissão, que foram aceites.

Foi resolvido prestar todo o auxilio moral e material à Conferência rural, que brevemente se realizará.

Tomou-se conhecimento dos abusos cometidos pelos industriais de Castanheira de Pera, tendo-se resolvido reclamar junto de quem de direito.

Contactou-se o revigoreamento da organização do Alto Alentejo, reconhecendo-se a necessidade desta Comissão apoiar dentro das suas possibilidades o trabalho de propaganda que ali se vem realizando.

Tratou-se também do caso dos rurais de S. Tiago, que agora são chamados à responsabilidade por factos ocorridos há 12 anos.

### Sindicato Único dos Operários da Construção Civil de Lisboa.

Secção dos Serventes — Reuniu esta secção em assembleia geral no passado dia 28 de Novembro para apreciar o pedido de demissão da comissão administrativa da secção. Lida a acta da sessão anterior foi a mesma aprovada.

Passando-se à ordem dos trabalhos fez uso da palavra sobre o assunto António Cleto Manuel Pereira Júlio e outros camaradas, tendo sido apresentada uma moção em que num dos considerandos alvitava, que fosse aceite o pedido de demissão do 1.º secretário, não sendo aceite o pedido de demissão dos restantes componentes da comissão administrativa, sendo a moção posta à aprovação foi o primeiro número rejeitado pelo que continuou a mesma comissão na sua função.

Grilo pede a palavra e diz que em virtude de continuar o 1.º secretário, apresenta o seu pedido de demissão de 2.º secretário, que foi aceite tendo sido substituído pelo camarada Manuel Marques.

Não havendo mais nada a tratar foi a sessão encerrada às 20 horas.

Secção Sindical da C. Civil de Palma. — Em sessão magna reuniu esta Secção no passado dia 16 do corrente, a fim de tomar conhecimento do movimento encetado pelas diversas secções profissionais do Sindicato na reclamação para a uniformidade de salários.

Aberta a sessão pelas 21 horas com a vasta sala repleta de camaradas, pelo camarada presidente foi exposto à assistência o fim da reunião.

Em seguida é dada a palavra ao camarada delegado do Sindicato Único que numa bela exposição relata toda a acção desenvolvida pelo Sindicato e suas secções profissionais e sindicais, no sentido de pôr-se um termo à exploração de que os operários da construção civil vêm sendo vítimas mercê da enorme disparidade de salários que se observam de obra para obra e de oficina para oficina.

Relata as negociações já estabelecidas com os industriais e constructores civis para o estabelecimento duma uniformidade de salários para os componentes das diversas classes da construção civil.

O delegado da Federação, expõe o trabalho que esta tem desenvolvido no sentido de tornar o mais extensa possível, através do País, esta e outras reclamações que a classe operária tem o incontestável direito de formular, e neste sentido foi expedida a todos os Sindicatos que a constituem, uma elucidativa circular.

Relata qual tem sido a acção da Federação, no sentido do atenuamento da crise de trabalho, e os resultados animadores obtidos, que em parte têm contribuído para que a situação presente seja nesse sentido um pouco mais desafogada, apesar da crise ainda se fazer sentir bastante, especialmente em muitas localidades da pro-

víncia e ainda duma forma bastante sensível nos grandes centros.

Carlos Vicente, alarga-se em considerações sobre as reclamações em trânsito, e ocupa-se largamente da desgraçada situação em que ficam os camaradas vítimas de acidentes no trabalho dada as deficiências da lei. Envia para a mesa uma desenvolvida moção sobre o assunto que foi aprovada e baixou ao Sindicato.

Outros camaradas mais se seguiram no uso da palavra apudando a acção desenvolvida pelo Sindicato e Federação, tendo sido aprovada uma extensa moção que conclui por dar todo o apoio ao Sindicato na reclamação para a uniformidade de salários e outras que estão em trânsito e que grandemente irão beneficiar a situação do operário desta indústria.

No final foi aprovada por aclamação uma saudação à A Batalha e Vanguarda Operária, saudação essa que terminava por incitar estes dois órgãos da organização operária portuguesa a persistir com energia na luta pela emancipação dos trabalhadores.

Sindicato dos Encadernadores e Anexos. — Reuniu a Comissão Administrativa, que tomou conhecimento do trabalho a encetar para o levantamento da classe. Despachou o manifesto dirigido à mesma a fim desta se interessar pelo Sindicato. Esta Comissão reúne às quartas-feiras, às 9 horas, podendo nestes dias ser tratado qualquer assunto que interesse aos associados.

DE CASTANHEIRA DE PERA

## O Sindicato textil deseja que o horário se cumpra

A comissão signatária da presente exposição nomeada em assembleia geral da classe textil em 29 do mês corrente, vem respeitosamente junto de v. pedir providências para o caso que passa a expor.

Como é do conhecimento de v. as diversas indústrias atravessam presentemente uma grande crise de trabalho a qual se vem reflectindo de cidade para cidade, como de concelho para concelho. Presentemente, Castanheira de Pera está incluída neste número. Mercê desta circunstância o patronato vendo que tem oferta de braços, salta por cima de todas as leis da razão e da humanidade obrigando os seus operários a um trabalho superior ao estabelecido por lei, que diz que nenhum operário pode ser obrigado a trabalhar mais de que 8 horas por dia ou 48 por semana.

Nestas condições, e para apreciar estes factos, reuniu a classe dos Texteis em assembleia geral, resolvendo que uma comissão deste organismo o procurasse. E' preciso que a circular n.º 406 de 17 de Setembro de 1929, dimanada desse ministério, tenha a sua aplicação nesta localidade que bem precisa é, pois não faz sentido que enquanto uns trabalham 10 e 12 horas por dia, outros não tenham onde empregar a sua actividade profissional, motivo porque nestas casas reina a fome com ramificações para o terrível flagelo, a tuberculose, que ceifa centenas de vidas dos trabalhadores. Não faz pois sentido que numa terra onde o trabalho não chega para todos os naturais, se obriquem criaturas a um trabalho de 10, 12 e mais horas enquanto outros não têm onde auferir os meios de subsistências para si e para os seus.

Procurou uma comissão deste organismo o sr. administrador do concelho a fim do mesmo senhor tomar medidas para obstar a tal facto, sendo respondido por aquela autoridade que o assunto não era com elle, que nada podia fazer. Afigura-se-nos que, como autoridade administrativa, devia fazer cumprir a lei que está em vigor, pois que ainda não foi revogada, pelo que compete às autoridades fazê-la cumprir. Tal não acontece pelo que nos vimos forçados a vir junto de v., conscientes de que em face da justiça que nos assiste tomará as necessárias providências, para que tais casos se não repitam.

A comissão administrativa